

A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DAS ESCOLAS PAROQUIAIS LUTERANAS GAÚCHAS DO SÉCULO XX

THE FORMATION OF THE TEACHERS OF THE GAUCHO LUTHERAN PAROCHIAL SCHOOLS OF THE 20TH CENTURY

MALCUS CASSIANO KUHN*
ARNO BAYER**

RESUMO

O artigo é recorte de pesquisa desenvolvida num programa de pós-graduação e apresenta uma revisão bibliográfica sobre a formação dos professores das escolas paroquiais luteranas gaúchas do século XX, a partir do referencial da história cultural. Em 1900, o Sínodo de Missouri, hoje Igreja Evangélica Luterana do Brasil, iniciou missão nas colônias alemãs do Rio Grande do Sul, fundando congregações religiosas e escolas paroquiais. Tais escolas estavam inseridas num projeto missionário e comunitário que buscava ensinar a língua materna, Matemática, valores culturais, sociais e, principalmente, religiosos. Os professores paroquiais luteranos eram formados no Seminário Concórdia de Porto Alegre, no qual prevaleciam os conhecimentos doutrinários sobre os conhecimentos seculares. O professor paroquial era um elo entre a Igreja Luterana e as comunidades, um guardião da ordem e dos valores e em sua prática pedagógica, deveria levar em conta a realidade dos alunos para que eles se engajassem nas estruturas comunitárias posteriormente.

Palavras-chave: História da Educação. Escola Paroquial Luterana. Professor Paroquial. Matemática.

ABSTRACT

The article is a clipping of research developed in a postgraduate program and presents a bibliographical review on the formation of the teachers of the Lutheran parochial schools of the 20th century, based on the reference of cultural history. In 1900, the Missouri Synod, now the Evangelical Lutheran Church of Brazil, began a mission in the German colonies of Rio Grande do Sul, founding religious congregations and parochial schools. These schools were part of a missionary and community project that sought to teach the mother tongue, mathematics, cultural, social and, above all, religious values. Lutheran parish teachers were trained at the Concordia Seminary in Porto Alegre, where doctrinal knowledge about secular knowledge prevailed. The parochial teacher was a link between the Lutheran Church and the communities, a guardian of order and values and in their pedagogical practice, should take into account the reality of the students so that they engage in community structures later.

Keywords: History of Education. Lutheran Parochial School. Parochial Teacher. Mathematics.

* Doutor em Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Luterana do Brasil - ULBRA/Canoas/RS. Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense - IFSul Câmpus Lajeado/RS. Membro do Grupo de Pesquisas sobre Formação de Professores de Matemática - GPFPMat. E-mail: malcuskuhn@ifsul.edu.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-6001-2324>

** Doutor em Ciências da Educação pela Universidade Pontifícia de Salamanca - Espanha. Professor do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática - PPGEICM - da Universidade Luterana do Brasil - ULBRA/Canoas/RS. Líder do Grupo de Pesquisas sobre Formação de Professores de Matemática - GPFPMat. E-mail: bayer@ulbra.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7721-1162>

INTRODUÇÃO

Este artigo é recorte de um estudo iniciado durante a elaboração da tese sobre *O ensino da Matemática nas Escolas Evangélicas Luteranas do Rio Grande do Sul durante a primeira metade do século XX* e aprofundado durante o estágio Pós-doutoral, com investigação da *Matemática nas escolas paroquiais luteranas do Rio Grande do Sul*, junto ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECIM) da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA).

A temática da formação dos professores das escolas paroquiais luteranas gaúchas do século XX se insere na História da Educação no Rio Grande do Sul (RS). No estudo do processo educacional, a partir do Sínodo de Missouri, destacam-se os trabalhos realizados por Gans (1998), Lemke (2001), Weiduschadt (2007, 2012) e Kuhn (2015, 2017a, 2017b). Os fatos históricos são constituídos a partir de traços, deixados no presente pelo passado e o trabalho do historiador consiste em efetuar um trabalho sobre esses traços para construir os fatos (PROST, 2008). Desse modo, considera-se no trajeto da produção histórica, a formulação de questões históricas legítimas, um trabalho com os documentos (livros e periódicos, por exemplo) e a construção de um discurso que seja aceito pela comunidade.

A história cultural (*Kulturgeschichte*) se ocupa com a pesquisa e representação de determinada cultura em dado período e lugar, como: relações familiares, língua, tradições, religião, arte e algumas ciências. Uma questão desafiadora para a história cultural é o uso que as pessoas fazem dos objetos que lhes são distribuídos ou dos modelos que lhes são impostos, uma vez que há sempre uma prática diferenciada na apropriação dos objetos colocados em circulação (CHARTIER, 1990). Assim, é importante compreender as práticas escolares como dispositivos de transformação material de outras práticas culturais e seus produtos. Neste recorte de pesquisa, as práticas traduzem valores e comportamentos que se desejava ensinar, como a prática religiosa luterana, sendo postas em convergência com outras estratégias políticas e culturais no RS.

Chervel (1990) considera importante o estudo histórico da cultura escolar para a compreensão dos elementos que participam da produção/elaboração/constituição dos saberes escolares e sua história. Julia (2001) define a cultura escolar como um conjunto de normas que estabelecem conhecimentos a ensinar e condutas a inspirar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos.

Dessa forma, por meio de uma revisão bibliográfica, abordam-se aspectos da formação educativa do luteranismo missouriano no RS: a constituição histórica das escolas paroquiais e a formação e atuação dos professores paroquiais, com destaque para sua formação no Instituto em Bom Jesus II, interior de São Lourenço do Sul, e, posteriormente, no Seminário Concórdia, de Porto Alegre. Além disso, apresentam-se indicativos dessa formação para o ensino de conhecimentos seculares, especialmente de Matemática, nas escolas paroquiais luteranas gaúchas do século passado. Para essa revisão bibliográfica foram utilizadas referências localizadas em bibliotecas de universidades, acervos particulares e, principalmente, no Instituto Histórico da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), em Porto Alegre.

A CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DAS ESCOLAS PAROQUIAIS LUTERANAS NO RS

A imigração alemã para o RS, a partir de 1824, contribuiu para o desenvolvimento do estado através da colonização de regiões cobertas por florestas e ainda não exploradas. Os primeiros anos dessa colonização foram marcados pelo desbravamento das matas, enfrentando-se as mais diversas adversidades. Aos poucos, de acordo com Kuhn e Bayer (2017b), a estrutura da picada foi se constituindo

com as casas e benfeitorias dos colonos, igreja (católica/evangélica), escola, casa do professor/padre/pastor, cemitério, salão de festas e casa comercial. Dessa forma, os principais eixos institucionais da picada estavam constituídos: religião, escola, agricultura, arte e diversões (KUHN; BAYER, 2017b).

Como os investimentos do Governo em escolas públicas, no estado gaúcho, foram modestos durante o século XIX, os imigrantes alemães construíam as próprias escolas, escolhiam um professor entre os moradores da comunidade e faziam a manutenção do estabelecimento de ensino. Conforme Kuhn e Bayer (2017b), os imigrantes alemães acreditavam na instrução escolar para construção da cidadania, fortalecimento da religiosidade, gerenciamento adequado do orçamento familiar e da propriedade rural, preservação da língua e da herança cultural.

As primeiras escolas teuto-brasileiras¹ se caracterizaram pela improvisação e pela extrema simplicidade e informalidade. Até o final do século XIX, o período de escolarização nas colônias era flexível, geralmente com duração de dois anos. A partir do século XX, tornou-se obrigatória a escolarização mínima de quatro anos, passando para cinco anos na década de 1920 (KUHN; BAYER, 2017b). Os professores davam de si o melhor que podiam dentro das limitações de tempo, de recursos didáticos e das próprias carências de formação profissional. Da mesma forma, os conteúdos curriculares se ajustavam às circunstâncias de tempo e local. Os conteúdos mínimos e a própria natureza das disciplinas eram ditados pelo que os colonizadores esperavam da escola. O currículo das escolas teuto-brasileiras estava organizado de forma que as crianças aprendessem o essencial para o bom entrosamento na vida das comunidades, tanto sob o aspecto religioso e social quanto do trabalho. Com o passar dos anos, começaram a ser expedidas orientações didáticas comuns, havendo pequenas variações em nível confessional.

O professor paroquial era uma figura bem característica e original na história da colonização teuto-brasileira. Seu surgimento tem raízes na tradicional preocupação com a questão escolar dos imigrantes alemães e seus descendentes. Eles, com a preocupação de se estabelecerem econômica e culturalmente nas colônias recebidas, focavam fundamentalmente esta questão. A vida de um professor, especialmente no interior, era uma vida cheia de sacrifícios e, muitas vezes, seu trabalho não era devidamente reconhecido e estimado. “Diversos professores, durante muitos anos, tiveram que atender duas escolas, tendo de cavalgar debaixo de um sol abrasador ou exposto à incidência de mau tempo, ao meio-dia, durante uma hora ou mais, para se deslocarem de uma escola à outra” (WARTH, 1979, p. 198).

A tarefa do professor paroquial não se esgotava com o ensinamento das primeiras letras e o fornecimento, aos filhos dos colonos, dos conhecimentos mínimos necessários para se movimentarem no seu universo social e obterem um mínimo de sucesso. Conferia-lhe a incumbência de assumir as iniciativas da comunidade, conduzi-las e assegurar-lhes o êxito. Essa investidura o credenciava para liderar atividades importantes que se referiam à religião, à escola, à educação e às iniciativas de natureza social, cultural e econômica (KUHN; BAYER, 2017b). Sua presença inconfundível, indispensável, marcou o perfil das comunidades teuto-brasileiras até o final da década de 1930.

Ao iniciar missão no RS, em 1900, o Sínodo Evangélico Luterano Alemão de Missouri², atualmente IELB, fundou congregações religiosas e escolas paroquiais. Para os missourianos, o sucesso da missão passava pela valorização da escola paroquial. Era necessário consolidar um campo religioso, fortalecê-lo investindo na escola e influenciar o campo familiar dos seus possíveis fiéis. Assim, a

1 Entende-se por teuto-brasileiros os brasileiros cujo pai e mãe são de origem alemã (ROCHE, 1969, p. 173). Seyferth (1981, p. 74) define o termo da seguinte maneira: “Ainda têm a língua alemã como materna, tenham eles nascido suíços, brasileiros, austríacos, russos, alemães.... mas têm sua pátria no Brasil. Considera-se membro de uma comunidade étnica alemã, mas a lealdade política pertence ao Brasil e não à Alemanha”.

2 Em 1847, um grupo de imigrantes luteranos alemães da Saxônia fundou no estado de Missouri (Estados Unidos), o Sínodo Evangélico Luterano Alemão de Missouri, Ohio e Outros Estados, atualmente Igreja Luterana - Sínodo de Missouri.

escola paroquial luterana gaúcha estava inserida num projeto missionário e comunitário que buscava ensinar a escrita, a leitura, a aritmética, além de valores morais, culturais, sociais e, principalmente, religiosos, idealizados pela Igreja Luterana, com vivência da espiritualidade na prática e uma ação educacional para servir no mundo (KUHN, 2015).

Ainda conforme estudos realizados por Kuhn e Bayer (2017a), nas escolas paroquiais luteranas gaúchas do século passado, o ensino da Matemática priorizava os números naturais, os sistemas de medidas, as frações e os números decimais, complementando-se com a matemática comercial e financeira e a geometria. Embora, as três disciplinas principais do currículo fossem a religião, a língua e o cálculo, o ensino da palavra de Deus, através da Bíblia, ocupava o primeiro lugar (KUHN; BAYER, 2017b). As demais disciplinas complementavam a formação geral, no sentido de promover o crescimento e o desenvolvimento pessoal de todos os alunos, focando, principalmente, a cidadania. Dessa forma, as práticas socioculturais, nas comunidades de imigrantes alemães no RS, com escolas paroquiais luteranas, eram mobilizadas para a sala de aula, de modo eficaz e decisivo, na formação educacional dos alunos, especialmente, com a abordagem de atividades relacionadas à agricultura e à economia, observando-se os princípios morais e educacionais idealizados pela IELB.

Na maioria das vezes, as escolas paroquiais luteranas tinham uma única sala de aula, com acomodações simples para alunos e professor. Logo, eram constituídas por classes multisseriadas, cujo professor, geralmente, era o próprio pastor da congregação, que lecionava para 40 alunos, aproximadamente. A manutenção dessas escolas era feita pela comunidade escolar ou pela comunidade paroquial, havendo subvenção complementar do Sínodo de Missouri para pagamento do ordenado do professor/pastor (KUHN, 2015).

Para o Sínodo de Missouri, a doutrina só teria sentido se pudesse ser divulgada através dos pastores e professores com formação na própria instituição:

Era necessário legitimar a formação dos pastores e professores em pessoas consideradas brasileiras. Era preciso provar e construir uma identidade nas comunidades com orientadores das próprias localidades, mas que tivessem a formação planejada pelo Sínodo. A autonomia apregoada pelo Sínodo se referia especialmente ao lado financeiro. Em muitos momentos os relatos nos periódicos apontam no início do século as dificuldades financeiras do Brasil, com um processo inflacionário altíssimo e com a desvalorização da moeda, tornando difícil o auxílio do Sínodo e a permanência de pastores americanos em terras brasileiras. Entretanto, é considerável a motivação em oferecer formação a pessoas residentes no país, pois necessariamente contribuiriam para uma melhor identificação da Igreja nesta realidade. A credibilidade e a legitimidade do Sínodo seriam fortalecidas com pastores e professores atuando em comunidades das quais eles faziam parte ainda jovens. (WEIDUSCHADT, 2007, p. 116).

Diante desse contexto, o Sínodo de Missouri fundou uma instituição para formação de pastores e professores paroquiais no estado gaúcho.

A FUNDAÇÃO DE UM INSTITUTO PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PAROQUIAIS E PASTORES

A direção do Sínodo de Missouri no Brasil havia constatado que “era impossível esperar um maior envio de obreiros dos Estados Unidos, devido à falta de pastores lá, o alto custo do envio,

manutenção dos pastores e professores no RS e o problema da adaptação climática e social, o que levou alguns logo retornarem à pátria” (STEYER, 1999, p. 81). Por isso, o Sínodo de Missouri fundou um Instituto para formação de professores e pastores, em Bom Jesus II, interior de São Lourenço do Sul/RS, sob a direção do pastor Hartmeister.

Uma ponta de um estábulo que existia na propriedade da Congregação de Bom Jesus II foi reconstruída com tijolos para servir como dormitório para os futuros alunos. Alguns dos membros da congregação, temendo que a criação de tal instituição fosse apenas um esquema por parte do Sínodo de Missouri para privar a congregação de suas propriedades, fizeram campanha contra ela e até mesmo prometeram derrubar a parte do celeiro que tinha sido reconstruída. Dois dos três dirigentes da congregação repassaram ao pastor uma petição com várias assinaturas solicitando que ele pedisse demissão. Quando, numa assembleia da congregação, foi resolvido que os próprios membros deveriam pagar a pequena quantia que a reconstrução do estábulo custaria, removendo seu medo infundado de que perderiam a propriedade, os ânimos se acalmaram e o trabalho no estábulo foi completado sem interrupções (REHFELDT, 2003). Uma vez concluída a reforma, o Instituto estava apto a funcionar:

Haviam se apresentado três alunos: Emílio Wille, de Harmonia; Henrich Drews e Ewald Hirschmann, da Colônia São Pedro. Assim, no dia 27 de outubro de 1903, o pastor Hartmeister deu início oficial ao Instituto para a formação de professores e pastores, o embrião da hoje Faculdade de Teologia da Igreja Evangélica Luterana do Brasil. Após algumas semanas, veio o quarto aluno, Franz Hoffmann, de Santa Coleta. E no dia 2 de março de 1904, matriculou-se o último aluno, Adolf Flor, da paróquia de Rincão dos Vallos, depois de dois meses de viagem a pé, a cavalo e de navio. Com cinco alunos, o improvisado internato ficou de saída, lotado. A falta de espaço viria a acompanhar a escola ao longo da sua história, obrigando-a a sucessivas mudanças. (STEYER, 1999, p. 86).

As razões para a fundação do Instituto, de acordo com o pastor Hartmeister, no periódico *Kirchenblatt* (Jornal da Igreja), foram:

Muitas pessoas ocupam indevidamente os ofícios de pastor e professor no Brasil; muitos chamados para pastores e professores chegaram ao Sínodo de Missouri, mas somente alguns deles foram preenchidos, por causa da falta de candidatos; jovens brasileiros eram tão inteligentes e talentosos como os de outros países; as viagens dos missionários estrangeiros eram muito caras; somente com um ministério nativo seria possível o crescimento de uma Igreja nacional. (REHFELDT, 2003, p. 54).

Diante desse contexto, os objetivos do Instituto foram preparar e habilitar jovens para exercerem o magistério e o ministério pastoral:

Eram oferecidos dois cursos: o primeiro, de quatro anos, visava a formar professores sinodais. No currículo constava: português, alemão, matemática, história, geografia e outras disciplinas afins. Já o segundo curso, que tinha por objetivo formar pastores, era mais longo e abrangia um maior número de disciplinas. O pastor Hartmeister enfatiza que em ambos os cursos prevaleceria a formação do caráter moral e espiritual dos jovens, já que são qualidades mais necessárias e mais úteis do que a filosofia. (STEYER, 1999, p. 88).

O pastor Hartmeister atendia a congregação de Bom Jesus II com cultos, lecionava na escola paroquial pela manhã e, à tarde, lecionava no Instituto (WARTH, 1979). Já a senhora Hartmeister era para os alunos uma verdadeira mãe, pois se dedicava com zelo a todos os alunos do Instituto, sem fazer diferença entre suas duas filhas menores e os alunos do Instituto:

Muitas vezes ela não sabia o que pôr na mesa para saciar cinco estudantes famintos. Comia-se, então, o que havia: batata-doce assada no forno, ou um pedacinho de pão de milho. O pastor Hartmeister recebia um salário de 400 dólares anuais e deste ordenado deviam viver sua família (esposa e duas filhas menores), uma serviçal e mais 5 estudantes. Assim, o trabalho na cozinha, o lavar e remendar da roupa, o cozer o pão, tudo estava ao encargo da esposa do pastor. (STEYER, 1999, p. 91).

As atividades dos primeiros cinco alunos do Instituto eram: “pela manhã deveriam trabalhar na roça, para assim ajudarem no custeio da pensão, à tarde teriam as aulas e parte da noite seria dedicada aos estudos e tarefas escolares” (STEYER, 1999, p. 87). Eles se levantavam às 5h da manhã. O café era servido às 6h, pela esposa do pastor Hartmeister, assim como todas as demais refeições, seguido de uma devoção. Das 6h 30min às 7h 30min, os jovens estudavam, e das 7h 30min às 11h 30min, trabalhavam para garantir seu sustento. As aulas eram das 14h às 17h, de segunda a sábado. “O programa de estudos incluía: História Bíblica, Catecismo, Hinos e Salmos, Línguas Alemã, Portuguesa e Latina, História Brasileira, História Geral, Geografia, Zoologia, Matemática, Desenho, Canto e outras disciplinas” (REHFELDT, 2003, p. 55). Com relação às aulas no Instituto, acrescenta-se que:

As aulas sempre iniciavam com a aula de Religião. Nas segundas, quartas e sextas-feiras eram as aulas de Doutrina Cristã. E nas terças, quintas e sábados, as aulas de Bíblia. Todos os versículos bíblicos contidos no Catecismo Menor de Lutero eram memorizados, além de 15 hinos sacros e 6 salmos. As matérias seculares eram assim distribuídas: três horas semanais para Matemática, enfatizando-se as quatro operações, o sistema decimal e as frações (o ensino da Aritmética era dado por explicação oral das regras e por demonstração no quadro negro, sendo que exemplos e regras eram anotados em um caderno); bem como três horas semanais para a Língua Alemã, com ênfase na semântica e na sintaxe. O único livro texto para o estudo da língua alemã era editado pela *Concordia Publishing House* de Saint Louis, Estados Unidos. Cada aluno lia um parágrafo. O professor observava a pronúncia, inflexão de voz e a correta acentuação. A leitura do texto servia para ditar as regras gramaticais que os alunos anotavam num caderno. De três em três semanas, exigia-se, também, um trabalho de dissertação, tanto sobre um tema dado, como de livre escolha. Para o estudo de História Universal, o livro texto se chamava *Weltgeschichte* (História do Mundo). Para Geografia não havia livro texto, nem mesmo em português. Faltavam também os mapas. Assim, os contornos geográficos dos continentes e países eram desenhados pelo professor no quadro negro. O conteúdo das demais disciplinas era ditado pelo professor para ser anotado pelos alunos em seus cadernos. Duas horas semanais eram dedicadas ao estudo do Latim, com ênfase nas regras gramaticais. Para Ciências Naturais e Língua Portuguesa era dedicada uma aula semanal, respectivamente. Em Língua Portuguesa os alunos sabiam mais do que o próprio professor, por isso, este apenas supervisionava esta atividade. [...] Os alunos estudavam e faziam os deveres de casa após o jantar. Como não havia luz

elétrica, uma lâmpada de querosene iluminava o quarto. Havia muitas dificuldades, especialmente a falta de recursos didáticos. Devido à falta de espaço, o Instituto não podia aceitar novos alunos. (STEYER, 1999, p. 89-90).

O currículo do Instituto foi baseado nos seminários norte-americanos, porém, adaptado ao tempo e às condições que se tinha para suprir a necessidade de professores (WEIDUSCHADT, 2007). O currículo enfatizava o aprendizado da Religião, sem esquecer os conhecimentos seculares. A ênfase pedagógica era dada, pois os alunos tinham contato com a escola paroquial e podiam exercer a função de professor. “Nesse sentido, apesar das dificuldades, os alunos foram vistos como aplicados e disciplinados, ou seja, acabaram interiorizando um *habitus* religioso e pedagógico de acordo com os princípios do Sínodo” (WEIDUSCHADT, 2007, p. 232). Ainda, com relação ao Instituto para formação de professores e pastores, aponta-se que:

O curso de formação de pastores e professores no Instituto estava estruturado de forma bem mais simples que nos Estados Unidos, tendo em vista as condições precárias das instalações e a falta de recursos humanos, tendo apenas um professor para o curso, que atendia simultaneamente a escola e a igreja. Notamos a preocupação com as escolas, porque os professores formados poderiam auxiliar os pastores que estavam sobrecarregados nas atividades da igreja e escola. Nesse sentido, para este primeiro curso era possível um término mais rápido para suprir uma necessidade local que acontecia. De forma resumida, os conhecimentos eram de acordo com a realidade. Não eram privilegiadas as línguas clássicas, como grego, latim e hebraico, como acontecia nos seminários dos Estados Unidos. Entretanto, desde o início, foi dada a ênfase na formação do caráter e do espírito dos jovens. (WEIDUSCHADT, 2007, p. 127).

Fica evidente um projeto escolar voltado para o conhecimento doutrinário, ao ser observado que o conhecimento secular deveria ficar em segundo plano, embora não se descuidassem da educação secular (WEIDUSCHADT, 2007). Mesmo o Instituto sendo precário nas instalações, em recursos humanos e na falta de material didático, era realizado um trabalho eficiente e de formação:

Havia dificuldades na consolidação do cumprimento do conteúdo programático, bem como, falta de material didático: mapas no trabalho da geografia, livros no conhecimento das línguas, além de tempo reduzido de que os estudantes dispunham para um melhor aproveitamento. O pastor Hartmeister ressaltava que todas as horas do dia eram preenchidas com trabalho honesto e penoso, justificando que os alunos não estavam ociosos. Eles sabiam da realidade que os agricultores viviam, porque eles trabalhavam da mesma maneira. O trabalho ficava valorizado, já que na cultura em que estavam inseridos os membros do Sínodo de Missouri havia uma ética voltada para o trabalho. Enfatizava-se a importância do trabalho, mas, em contrapartida, sentia-se a necessidade de uma dedicação maior dos estudantes no conhecimento da doutrina e nos ensinamentos clássicos, até como uma forma de distinção e diferenciação. O Sínodo acreditava no estabelecimento e no fortalecimento das suas comunidades a partir de uma formação específica e realizada no Brasil, a fim de propagar e constituir uma identidade teológica e pedagógica pautada numa sistematização e ordenação na formação de professores e

pastores. Inclusive, era ressaltada a necessidade de professores, porque se acreditava que o diferencial estava no investimento na educação escolar, não apenas doutrinária, mas na formação geral do professor e pastor. (WEIDUSCHADT, 2007, p. 131).

Apesar das dificuldades, o pastor Hartmeister conduziu o Instituto até o final do ano letivo de 1904, ensinando conhecimentos doutrinários e conhecimentos seculares para seus cinco alunos:

Segundo o pastor Hartmeister, o projetado alvo foi satisfatoriamente alcançado. Todo o Catecismo Menor foi explicado e recapitulado várias vezes. Foram memorizados 15 hinos sacros e 6 salmos. No estudo da língua alemã, deu-se ênfase à semântica e à sintaxe. Na aritmética, especialmente, deu-se ênfase às quatro operações, bem como ao sistema decimal e às frações. Nas ciências naturais, estudou-se a parte da zoologia. Com o auxílio do livro de Kappes, fez-se uma incursão através da história universal. E, quanto ao latim, estudaram-se as declinações e conjugações, bem como regras gramaticais, especialmente as exceções. O que, no entanto, dificultou o ensino e o aprendizado, foi a falta de livros didáticos. (STEYER, 1999, p. 118).

O Instituto em Bom Jesus II passava por sérias dificuldades financeiras. No meio de toda crise, aconteceu uma súbita tragédia que abalou o lar da família pastoral. “Grassava na região de Bom Jesus II uma epidemia de coqueluche. A primogênita do casal, com apenas dois anos de idade, foi vítima da epidemia. A jovem mãe, que já se encontrava com a saúde abalada, com o falecimento prematuro da sua filha, sucumbiu completamente” (STEYER, 1999, p. 118). Ao iniciar o ano letivo de 1905, o pastor Hartmeister logo viu a impossibilidade de seguir avante, pois o estado de saúde da sua esposa se agravara. Os alunos foram dispensados com a promessa de serem chamados de volta tão logo o permitisse o estado clínico da esposa. “A falta de recursos médicos locais e a crescente debilidade física e psíquica da esposa levaram o pastor Hartmeister, finalmente, à tão protelada decisão de retornar aos Estados Unidos, pelos menos temporariamente, até que se restabelecesse a saúde da sua esposa” (STEYER, 1999, p. 119). Ressalta-se que “o seu sucessor em Bom Jesus II não continuou o trabalho no Instituto” (REHFELDT, 2003, p. 71).

De 28 de abril a 2 de maio de 1905, realizou-se, em Jaguari/RS, a segunda Convenção do Distrito Brasileiro do Sínodo de Missouri. A saída do pastor Hartmeister e o recesso do Instituto representavam um retrocesso para o Distrito. Então, tomaram-se as seguintes resoluções a respeito do futuro do Instituto:

Dar imediata continuidade ao Instituto e ao mesmo tempo acrescentar o curso ginasial; transferir o Instituto para Porto Alegre; sugerir à Congregação Evangélica Luterana de Porto Alegre chamar um pastor adjunto; caberia a este pastor adjunto, além de auxiliar no atendimento pastoral, assumir as aulas do Instituto; cobrar de cada aluno a importância de vinte mil réis a título de pensão; aos alunos carentes, na impossibilidade de arcar com esta quantia, seria solicitada à respectiva Conferência Pastoral que assumisse esta responsabilidade; manter e sustentar, assim, o Instituto durante três anos, e na próxima Convenção Geral do Sínodo de Missouri nos Estados Unidos, solicitar que o Sínodo reconhecesse o Instituto como uma das suas instituições sinodais. (STEYER, 1999, p. 120).

Os alunos do Instituto já haviam estudado um ano e seis meses. Eram jovens talentosos e tinham alcançado um bom nível de aproveitamento. “Com a grande falta de obreiros, seria lamentável não aproveitá-los. A solução foi empregá-los como professores auxiliares junto a um pastor até que o Instituto completasse sua transferência para Porto Alegre” (STEYER, 1999, p. 121). “Três dos ex-alunos deram aula em escolas paroquiais. Dois deles, Adolf Flor e Emilio Wille, foram para o Seminário de *Springfield* (Estados Unidos)” (REHFELDT, 2003, p. 71), pois quando voltou para os Estados Unidos, “o pastor Hartmeister se empenhou junto à direção do Sínodo de Missouri e conseguiu duas bolsas de estudo no *Concordia Seminary* de *Springfield*. Assim, em 1907, seguiram para os Estados Unidos e ambos voltaram formados em teologia em 1910” (STEYER, 1999, p. 122).

A TRANSFERÊNCIA DO INSTITUTO PARA PORTO ALEGRE

A reabertura do Instituto teve de esperar devido à carência de pastores, não havendo um disponível, imediatamente, para prosseguir os trabalhos. Devido ainda à precariedade dos meios de comunicação da época, a abertura do Instituto em Porto Alegre, aconteceu apenas no dia 1º de maio de 1907. De acordo com Rehfeldt (2003, p. 72), “o pastor Mahler cuidou do ensino, e o assistente, pastor Emil Wegehaupt, tornou-se o *Hausvater* (ecônomo, diretor do internato)”. Para o alojamento dos alunos, segundo Steyer (1999, p. 123), “o pastor Mahler havia alugado uma casa na Avenida Pátria, Bairro Navegantes, Porto Alegre. Quatro alunos haviam se matriculado, sendo 2 alunos da classe pioneira em Bom Jesus II. Mais tarde, mais 3 alunos se matricularam, fechando esse primeiro ano com uma matrícula de 7 alunos”. Ainda, “em 1908, o pastor Wegehaupt foi eleito diretor e outra casa foi alugada à Rua Ernesto Fontoura, a fim de que o Instituto tivesse um espaço maior” (REHFELDT, 2003, p. 73).

Com a transferência do Instituto para Porto Alegre, reiniciaram-se as aulas com uma estrutura física e pedagógica que se aprimoraram com o passar dos anos. Como poucos alunos podiam pagar o custo do estudo, congregações vizinhas a Porto Alegre enviavam gêneros alimentícios para o seu sustento. Um fundo especial para alunos carentes foi criado. Conforme Rehfeldt (2003, p. 73), “um professor assistente, E. Boeckel, foi contratado para ensinar português, e na Convenção Distrital realizada em Sítio, de 13 a 18 de janeiro de 1909, o nome da escola foi escolhido: Seminário Concórdia”.

Em 1909, as notícias sobre o Seminário Concórdia justificavam a eficiência da instituição:

Era o segundo ano de aula, com dez alunos e destes, cinco foram novos que entraram. E no decorrer de dois anos foram ser professores e três permaneceram como alunos. O nome foi resolvido: Seminário Evangélico Luterano Concórdia. [...] Também a questão curricular foi ricamente aprofundada. Uma comissão se dedicava a fazer um plano para as escolas rurais e as escolas da cidade. [...] Dessa forma, nota-se a ampliação do Seminário e o fortalecimento da instituição a fim de suprir o trabalho de pastores e em especial, as escolas. A formação de alguns alunos era mais rápida devido à necessidade de mais trabalhadores nas escolas e nas igrejas. Fica evidente que a preocupação do Sínodo era orientar, através de um plano curricular adaptado para as escolas rurais e urbanas. Mas as dificuldades em formar pessoal capacitado permaneceram por um bom tempo na preocupação do Sínodo. Em 1911, numa avaliação do Seminário em Porto Alegre, continuou o alerta para o pouco tempo de preparação dos alunos, em que se considerava ideal, quatro anos de ensino. É possível notarmos que a falta de professores nas escolas era grande e o projeto do Sínodo contemplava de forma particular a escolarização religiosa e com

orientação de pessoal capacitado e competente a fim de oferecer uma diferenciação. Se os professores não estivessem preparados, a educação correria o risco de fracassar ou não demonstrar a competência do Sínodo. Mesmo assim, era preciso adaptar a situação à realidade encontrada. Muitas escolas precisavam de professores e não era possível esperar o tempo de formação. Entretanto, o Sínodo colocou essa preocupação na revista oficial para os membros e as comunidades terem ciência do que estava acontecendo. (WEIDUSCHADT, 2007, p. 141).

Em 1910, 7 dos 22 alunos matriculados foram enviados para lecionar em escolas paroquiais; alguns depois de um ano de estudo e outros depois de dois anos de estudo. Em 1911, segundo Rehfeldt (2003), a Convenção do Sínodo de Missouri resolveu pagar o salário dos professores por meio do caixa sinodal. “Em abril de 1912, aconteceu a primeira formatura no Seminário Concórdia. Carlos Roll, Frederico Strelow e Franz Hoffmann se formaram como professores e receberam seus chamados para atuarem em escolas paroquiais” (REHFELDT, 2003, p. 74). Além de professor paroquial, Frederico Strelow (1888-1946) foi redator do periódico pedagógico *Unsere Schule* (Nossa Escola) e autor da Primeira Aritmética da série Ordem e Progresso³, conforme se pode observar no Quadro 1:

Quadro 1 - Primeira Aritmética da série Ordem e Progresso.

<p style="text-align: center;">Série Ordem e Progresso</p> <hr style="width: 10%; margin: auto;"/> <p style="text-align: center;">Primeira Aritmética</p> <p style="text-align: center;">pelo Prof. Frederico Strelow</p>  <p style="text-align: center;"><small>CASA EDITORA CASA PUBLICADORA CONCÓRDIA Rua São Pedro, 639 — Porto Alegre</small></p>	<p>Nos primeiros anos de existência das escolas paroquiais luteranas no RS, os livros didáticos vinham dos Estados Unidos, mas, como apresentavam um contexto diferente da realidade do estado gaúcho, o Sínodo de Missouri iniciou a produção de material didático próprio para as escolas, em diferentes áreas do conhecimento, por meio da Casa Publicadora Concórdia de Porto Alegre. Foram publicadas a série Ordem e Progresso e a série Concórdia, constituídas, principalmente, por livros de leitura, de histórias bíblicas e de aritmética.</p> <p>A Primeira Aritmética da série Ordem e Progresso, lançada na década de 1930, pela divulgação feita no periódico <i>Unsere Schule</i>, e de autoria do professor Frederico Strelow, enfatiza o estudo da numeração até 100. Da página 1 até a página 26, estudam-se, exclusivamente, os números até 10. Entre as páginas 27 e 37, é feito o estudo dos números até 20. A partir da página 38, completa-se o estudo da numeração até 100. O estudo dos números de 0 a 100 inicia com a numeração de 0 a 10, explorando o significado de quantidades até 10 e as operações de adição e subtração. Depois, amplia-se o estudo com os números até 20 e até 100, envolvendo a escrita em ordem crescente e decrescente dos números e as operações de adição, subtração, multiplicação e divisão. Ressalta-se a existência de inúmeras propostas de cálculos orais e por escrito, com o algoritmo na horizontal, envolvendo as quatro operações com números naturais até 100. Devido às condições financeiras das famílias residentes nas colônias, nem todos os alunos possuíam os livros, havendo escolas paroquiais em que apenas o professor utilizava esse recurso didático (KUHN; BAYER, 2017a).</p>
--	--

Fonte: Strelow, [193-].

Por volta de 1911, também, foi formada uma sociedade de pastores e leigos no RS. Eles compraram, com condições vantajosas, um terreno próximo a congregação de Porto Alegre. A obra começou em 2 de julho de 1912. Uma oferta especial foi levantada entre as congregações:

A modesta construção de madeira, medindo 13 x 15 m, foi inaugurada no dia 29 de setembro de 1912. No dia seguinte, as aulas iniciaram no 1º prédio construído com

³ A série Ordem e Progresso é composta por três aritméticas voltadas para os primeiros anos de escolarização. No Instituto Histórico da IELB, em Porto Alegre, localizaram-se a Primeira e a Terceira Aritmética. Registra-se que ainda não foi localizada a Segunda Aritmética da série Ordem e Progresso e que a Terceira Aritmética da mesma série, não possui autoria declarada.

objetivos educacionais. Quando as aulas iniciaram em 1913, o pastor Mahler estava novamente lecionando, a fim de aliviar a carga do diretor Wegehaupt e do professor Frosch. Naquele ano, pela primeira vez o Seminário tinha uma classe teológica. O currículo para os alunos de Teologia era de três anos de Pré-seminário e três anos de Teologia. Para o curso Normal, era de cinco anos. (REHFELDT, 2003, p. 74).

A família de Mahler voltou aos Estados Unidos, em agosto de 1913, devido à doença de sua esposa. Quando ela teve de ser operada, o pastor Mahler deixou o RS pela última vez, em 1º de agosto de 1914. Quando o pastor Mahler⁴ chegou ao Brasil, 17 famílias pertenciam ao Sínodo de Missouri; quando partiu, o número havia crescido para 15000 membros batizados.

A manutenção e transferência do Instituto para Porto Alegre permitiu que os formandos egressos do mesmo conseguissem atender em parte à demanda de pastores e professores entre os imigrantes alemães. Num artigo sobre o Seminário Concórdia, publicado na Revista Mensageiro Cristão em 1917, posteriormente, Mensageiro Luterano, fala-se que o Instituto tinha por fim formar pastores e professores para a IELB, mas também aceitava moças procurando educação geral. Para ficar na pensão se pagava 30\$000 (trinta mil-réis) mensalmente. A instrução era gratuita, salvo, para aqueles que não pretendiam servir a Igreja. Estes pagavam a mensalidade de instrução de 10\$000 (dez mil-réis). O Seminário abrangia três cursos, sendo eles: o Pré-Seminário, o Curso Normal e o Curso de Teologia.

O Pré-Seminário, abrangendo 4 anos letivos: Português, Latim, Aritmética, História Universal, Alemão, Geometria, Caligrafia, Inglês, Grego, História Pátria, Desenho. O Curso Normal, abrangendo mais 2 anos acima do primeiro curso: continuação do anterior, exceto Latim e Grego, Bibliologia, História Eclesiástica, Simbólica, Simbólica Comparativa, Pedagogia, História da Pedagogia, Catequética. O Curso de Teologia, abrangendo mais 8 anos acima do primeiro curso: Enciclopédia, Metodologia, Hermenêutica, Isagógica, Exegese do Velho e Novo Testamento, Dogmática, Simbólica, Simbólica Comparativa, História Eclesiástica, Teologia Pastoral, Homilética, Catequética, Liturgia. Nos três cursos havia ensino de Harmônio e Canto. A abertura do ano letivo acontecia na metade de fevereiro e o encerramento na metade de dezembro (KUNSTMANN, 1917, p. 2).

Portanto, o Curso Normal abrangia 6 anos, iniciando-se pelo Pré-seminário, e com ênfase na formação religiosa dos professores para as escolas paroquiais. Os professores formados pelo Seminário faziam um ano de estágio prático, numa escola paroquial, e mais um ano no Seminário Concórdia. Não havia uma supervisão direta do Seminário. A avaliação era feita pelo pastor local. Os candidatos vinham das paróquias da Igreja, geralmente, do estado gaúcho (STEYER, 1999). O Sínodo de Missouri se empenhou para atender a necessidade de formar pastores e professores, qualificando-os no trabalho religioso e escolar, pois a formação das escolas paroquiais apresentava, em muitos casos, um pastor formado, que era ao mesmo tempo professor, ou a presença de um professor com formação mínima (WEIDUSCHADT, 2007). Complementa-se que, de acordo com Lemke (2001, p. 77), “na falta de professores, estudantes do Instituto/Seminário serviam temporariamente como professores nessas escolas”.

O desenvolvimento do Seminário Concórdia nos anos 20 foi significativo. “Em fevereiro de 1919 havia 24 alunos matriculados e novas turmas começaram a ser aceitas somente de 3 em 3 anos.

4 O pastor Mahler foi o primeiro missionário do Sínodo de Missouri residente no Brasil, seu primeiro diretor missionário, o primeiro presidente do Distrito Brasileiro e o primeiro editor do *Kirchenblatt*.

Os professores eram Kunstmann (área teológica) e Rehfeldt (setor do pré-teológico). O professor brasileiro Tietboehl era assistente de língua portuguesa” (REHFELDT, 2003, p. 111). Em 15 de fevereiro de 1920, conforme Rehfeldt (2003, p. 112), “o pastor Schelp chegou a Porto Alegre para ser professor assistente no pré-teológico nas disciplinas de Catecismo, História Bíblica, Latim, Alemão, Música e Desenho. Introduziu o basquete no Seminário e foi um dos primeiros pastores a introduzir este esporte norte-americano no RS”.

Depois de oito anos no campus do bairro Navegantes, em Porto Alegre, o Seminário Concórdia se mudou para o bairro Mont’ Serrat, no final de fevereiro de 1921. “No dia 2 de março de 1921, o ano letivo iniciou no novo campus, com uma matrícula de 24 alunos” (REHFELDT, 2003, p. 111). A primeira formatura que houve no Mont’ Serrat foi em agosto de 1921, com 11 candidatos. “No Jubileu de Prata da Igreja, o Seminário já havia formado 36 pastores e 5 professores” (GOERL, 1993, p. 167). Com relação ao Seminário Concórdia, acrescenta-se que:

Temos uma família grande de 4 cursos em 1921: Teologia, Curso Normal, Ginásial, Colegial. Tudo junto, debaixo de um teto, por assim dizer, é humanamente impossível. Olhem os dados: 114 no Ginásial, 77 no Colegial, 14 no Normal e 43 no Teológico. Se alguém pergunta por que o Seminário acabou com o Curso Normal? Minha resposta sempre foi esta: nós não o acabamos, ele acabou por si. Não havia mais interessados. Era uma época em que as comunidades começaram a se tornar independentes. Sustentar o pastor com família e casa, e agora mais o professor com família e casa? Era impossível. Então muitas escolas passaram para o regime do município, e então os professores não tinham mais chance de ser aquilo que podiam. (GOERL, 1993, p. 168).

Ressalta-se que o número de professores formados no Seminário de Porto Alegre ficava além das necessidades:

Vinte e três anos após o início da missão missouriana, no Brasil, ainda persistia uma aguda falta de professores, embora quase todos os pastores estivessem lecionando. O Sínodo de Missouri não podia enviar professores porque não conseguia formar nem mesmo um número suficiente para atender a demanda nos Estados Unidos. Em consequência, a IELB passou a aceitar os serviços de pessoas sem formação pedagógica formal, denominadas professores auxiliares. Pastores, então, começaram a dar instrução particular a essas pessoas para equipá-las melhor no desempenho de sua tarefa. Além disso, a igreja promovia conferências de treinamento e realizava um curso por correspondência, obrigatório para os professores auxiliares. (BUSS, 2005, p. 60).

A convenção sinodal de 1923 aprovou o pedido do Distrito Brasileiro de ampliar o currículo do curso Pré-teológico do Seminário Concórdia de três para quatro anos e aceitar alunos a cada dois anos, em vez de cada três anos, como acontecia até então. Um novo edifício com salas de aula e dormitórios também foi erguido no final de 1925 e no começo de 1926, sendo dedicado no dia 14 de março daquele ano (REHFELDT, 2003). Assim, a convenção sinodal aprovou o pedido do Distrito Brasileiro, feito em 1926, de ampliar a duração do curso Pré-teológico de quatro para seis anos, mas não aceitou o pedido da criação de um setor pedagógico. Ainda nesse ano, cultos começaram a ser realizados no auditório do Seminário, sendo o início para a criação de uma congregação. “Em 1927,

foi fundada a Congregação Concórdia, no Mont' Serrat, junto ao Seminário Concórdia” (WARTH, 1979, p. 47). Sobre o Seminário Concórdia, acrescenta-se que:

Em 27 de outubro de 1928, completaram-se 25 anos desde que o pastor Hartmeister havia iniciado o Instituto em Bom Jesus II. Durante esses 25 anos, 36 pastores haviam recebido seu treinamento teológico no Seminário Concórdia e, desses, 33 ainda estavam servindo ao Sínodo Evangélico Luterano. Em dezembro de 1928, três alunos do curso pedagógico completaram seus estudos, após uma longa interrupção do programa de treinamento de professores no Seminário. (REHFELDT, 2003, p. 115).

Assim, a estatística das escolas paroquiais da IELB, no ano de 1924, apresentava os seguintes dados: “68 escolas paroquiais com 2028 alunos, atendidos por 25 pastores, 37 professores e 4 estudantes” (LEMKE, 2001, p. 77). Já na década de 1930, com as escolas organizadas, a expansão foi considerável. O aumento do número de alunos e escolas foi visível e as comunidades se fortaleciam com pastores e professores formados no Seminário Concórdia. A organização formal e devidamente institucionalizada do Seminário Concórdia favorecia uma demanda maior de formação de professores para atender as comunidades (WEIDUSCHADT, 2012).

O período de 1930 a 1937 foi relativamente calmo no Seminário Concórdia:

O corpo de professores ficou estável, sob a direção do Dr. Jahn, um homem dedicado e disciplinador. A planta física do Seminário permaneceu a mesma durante o período. A dificuldade financeira do Sínodo de Missouri não permitiu novas construções. As instalações esportivas foram melhoradas. Uma quadra de basquete e um campo de futebol foram construídos pelos próprios alunos, sob a orientação do professor Rupp. Durante esse período, os professores realizaram cursos de verão para professores e pastores. Em janeiro de 1937, 60 pessoas, entre pastores e professores, participaram de um curso de verão em Porto Alegre, conduzido pelos professores do Seminário. Em dezembro de 1930, houve seis formandos no Seminário, sendo um deles João J. Alves, o primeiro pastor luterano negro do Brasil. Em dezembro de 1933, oito pastores e cinco professores receberam seus diplomas. (REHFELDT, 2003, p. 133).

Quando os decretos de nacionalização do ensino⁵ foram emitidos em 1938, pareceu que também havia perigo de o Seminário Concórdia ter de fechar. Mas, ele não se enquadrou na classificação de escolas feita pelo Governo por causa do seu caráter teológico. Um professor do Estado foi indicado pelo Governo para verificar se o programa de nacionalização foi realizado pelo Seminário. Após alguns anos de ansiedade, foi feito um acordo com o Governo, terminando como o medo do fechamento. Com a abrupta mudança da língua, apareceu o problema dos livros-texto. “A única literatura útil para um seminário luterano disponível em português era a Bíblia, a História Bíblica, o Catecismo Menor de Lutero e um Hinário. Todas as disciplinas teológicas tiveram de ser desenvolvidas sem a ajuda de livros-texto, e assim, o ensino sofreu por causa disso” (REHFELDT, 2003, p. 151).

Em 1942, a segunda ala do edifício de salas de aula e dormitórios do Seminário Concórdia foi construída, além de uma capela. “A capela foi dedicada no dia 29 de novembro de 1942, e a ala, um

⁵ Uma série de decretos dos governos estadual e federal, emitidos no final da década de 1930, disciplinaram a licença de professores e o material didático a ser usado nas escolas, tornaram o idioma nacional obrigatório (português) para a instrução e prescreveram a formação cívica brasileira.

pouco depois. Novas turmas de alunos foram aceitas a cada dois anos. Em 1939, a matrícula era de 55 alunos. No final do ano seguinte, a matrícula era de 74 alunos” (REHFELDT, 2003, p. 152).

Durante o período de 1945 a 1950, o Seminário Concórdia teve a mesma importância vital de sempre para o trabalho missionário do Sínodo Brasileiro:

Várias mudanças feitas durante esse período aumentaram a sua eficiência: construções foram feitas, o currículo foi ampliado, o número de professores aumentou. [...] Até 1946, novas turmas eram aceitas a cada dois anos. A partir de 1947, novos alunos passaram a ser aceitos anualmente. Isso fez com que o número de alunos aumentasse consideravelmente nos anos seguintes: 31 novos alunos foram admitidos em 1947; 36 em 1948; 29 em 1949; 26 em 1950. Em 1947, o número de alunos era de 82, passando para 116 em 1950. A solicitação para aumentar o currículo em um ano, a fim de ter quatro anos de Curso Ginásial, três anos de Curso Colegial, três anos de Curso Teológico e um ano de estágio foi concedida, embora o terceiro ano de faculdade não tivesse sido iniciado até 1950. (REHFELDT, 2003, p. 161-162).

Em 1953, o Seminário Concórdia de Porto Alegre comemorava seu 50º aniversário:

Havia três escolas funcionando no mesmo campus: o Pré-Seminário, englobando o Curso Ginásial e Colegial, o Curso Normal, que preparava professores paroquiais, e o Curso de Teologia, destinado à formação de pastores. O Curso Ginásial era constituído de quatro anos de estudos, o Colegial de dois anos, o Teológico de três (mais um ano de estágio), o Normal de dois anos (após a conclusão do Ginásio), e o curso Normal rápido de um ano, após três anos de Ginásio. Uma equipe de 9 professores titulares e 4 assistentes estava encarregada de ministrar todas as aulas. Os professores eram: Louis C. Rehfeldt, Paul W. Schelp, Karl A. Rupp, Otto Adolpho Goerl, Octalício Schueler, Gastão Tomé, Werner Wadewitz, Hans Rottmann, Arno Gueths. Em média, cada professor lecionava 5 disciplinas diferentes e um total de 22 aulas semanais. Alguns estavam lecionando em cursos de verão e por correspondência destinados a professores sinodais. Todos estavam auxiliando pastores da vizinhança em suas atividades. Além disso, atuavam em diversas comissões da IELB. A sobrecarga de trabalho chegou a causar colapsos nervosos e outras doenças em alguns professores. Os salários dos professores, porém, não pareciam ser condizentes com a quantidade de seu trabalho, pois despesas médicas e outras levavam os professores a incorrer em dívidas financeiras. (BUSS, 2006, p. 24-25).

Ressalta-se que o gaúcho Otto Adolpho Goerl (1905-1998) se formou no Seminário Concórdia, em 1925, e foi ordenado pastor em 1926. Além de pastor, foi professor paroquial, professor e diretor do Seminário Concórdia, e autor de livros para o ensino de aritmética e leitura nas escolas paroquiais luteranas do RS. Goerl foi autor da Primeira e da Segunda Aritmética da série Concórdia⁶, lançadas na década de 1940. O Quadro 2 se refere a Primeira Aritmética da série Concórdia:

⁶ A série Concórdia também é composta por três aritméticas voltadas para os primeiros anos de escolarização, as quais foram localizadas no Instituto Histórico da IELB, em Porto Alegre. Ressalta-se que a Terceira Aritmética da série Concórdia, editada em 1949, não possui autoria declarada.

Quadro 2 - Primeira Aritmética da série Concórdia.

<p>SÉRIE CONCÓRDIA</p>  <p>Primeira Aritmética</p> <p>OTTO A. GOERL</p> <p>CASA EDITORA CASA PUBLICADORA CONCÓRDIA S. A. Rua São Pedro, 633-639 — Porto Alegre</p>	<p>A Primeira Aritmética da série Concórdia está dividida em quatro secções: I - Números de 1 a 5 (p. 3 a p. 14), com foco em contar e desenhar, escrever os números, somar e diminuir; II - Números de 1 a 10 (p. 15 a p. 31), com atenção para o significado dos números até 10 e as operações de adição e subtração; III - Números de 1 a 20 (p. 32 a p. 40), ênfase nas operações de adição e subtração; IV - Números de 1 a 100 (p. 41 a p. 68), explorando as dezenas, dezenas e unidades, as operações de adição, subtração, multiplicação e divisão, e a pequena tabuada. O autor Otto A. Goerl dá maior ênfase para o método intuitivo em suas propostas de ensino, mas também traz atividades que enfatizam a memorização.</p>
---	--

Fonte: Goerl, [194-a].

Já no Quadro 3, apresenta-se a Segunda Aritmética da série Concórdia, também de autoria do pastor e professor Otto A. Goerl:

Quadro 3 - Segunda Aritmética da série Concórdia.

<p>Série CONCÓRDIA</p> <p>★</p> <p>Segunda Aritmética</p> <p>—</p> <p>Otto A. Goerl</p> <p>—</p> <p>CASA PUBLICADORA CONCÓRDIA S. A. Rua São Pedro, 633-639 — Porto Alegre</p>	<p>A Segunda Aritmética da série Concórdia, de Otto A. Goerl, divide-se em três secções: I - Números de 1 a 100 (recapitulação - p. 3 até p. 40), com as operações de adição, subtração, multiplicação e divisão; II - Números de 1 a 1000 (p. 41 a p. 65), relacionando unidades, dezenas e centenas, bem como, as operações de adição, subtração, multiplicação e divisão; III - Números até 10000 (p. 66 a p. 77), explorando as classes de milhares, centenas, dezenas e unidades, números pares e números ímpares, operações de adição, subtração, multiplicação e divisão. Mesmo que o autor desta aritmética proponha a resolução de problemas contextualizados, com a realidade dos alunos das escolas paroquiais luteranas gaúchas, observaram-se várias propostas de ensino para o desenvolvimento de habilidades para o cálculo mental e escrito.</p>
--	--

Fonte: Goerl, [194-b].

Diante das dificuldades no início da década de 1950, a Congregação de Professores e o Conselho Administrativo do Seminário Concórdia apresentaram duas alternativas para a continuação das atividades do educandário:

A primeira consistia na contratação de mais 6 professores para atender ao acréscimo de disciplinas a serem lecionadas no triênio seguinte, a construção de 6 casas para professores e a adição de um terceiro andar ao novo prédio de alojamento do seminário. A necessidade de mais espaço para o alojamento de alunos se justificava pela lotação total das dependências disponíveis com uma matrícula de 144 estudantes dos quais 20 não residiam no campus naquele momento por estarem estagiando ou servindo no exército. A outra consistia na reorganização do sistema de ensino da IELB, que consistia na ideia da desativação gradual do Curso Ginásial oferecido no Seminário Concórdia de Porto Alegre e a abertura de ginásios em várias partes do país. (BUSS, 2006, p. 26).

Em 1955, o Seminário Concórdia estava superlotado. A longa permanência dos estudantes numa mesma instituição gerava tensões que, mais tarde, continuavam a se manifestar no campo de trabalho. O Departamento Normal acabava se tornado mero apêndice do Departamento Teológico, o que levava os professores a desenvolverem um complexo de inferioridade com relação ao seu ofício. Além disso, conforme Buss (2006), o Seminário formava uma média de apenas cinco a sete candidatos ao ministério por ano, número completamente inadequado para as necessidades da Igreja. E assim, na segunda metade do século XX, o Seminário Concórdia deixou de oferecer a formação pedagógica.

OS PROFESSORES PAROQUIAIS LUTERANOS DO SÉCULO XX NO RS

Os professores das primeiras escolas paroquiais luteranas gaúchas eram os próprios pastores das congregações. Conforme Goerl (1993, p. 160), “o professor paroquial, além de dar aulas na escola paroquial, tinha a instrução de confirmandos, os cultos aos domingos, visita a doentes, os enterros e os casamentos”. O exercício dessa missão comunitária era encarado como fruto de uma verdadeira vocação.

O professor era quase sempre muito rígido, tanto no ensino, quanto no cotidiano social da comunidade. A maioria dos professores utilizava castigos físicos nas aulas para punir o não aprendizado e o mau comportamento dos alunos. Era aceitável para a comunidade o professor utilizar as punições físicas para educar os alunos, da mesma forma que os pais também o faziam na educação de seus filhos. Às vezes estes castigos eram físicos, mas também podiam ser de ordem verbal e moral, ao condenar o erro de um aluno ou o seu não aprendizado. Parece evidente que a educação precisava estar centrada na disciplina, como uma extensão da educação da família. O papel do professor, que era ao mesmo tempo pastor, era como um formador da personalidade das crianças e que buscava controlá-las no ensino e no cotidiano. Em relação ao Sínodo, este procedimento seria fundamental para fortalecer um campo religioso a partir da educação. A formação da maioria dos pastores passava por estes princípios de rigidez e ordem. Eles deveriam especializar-se nos

ensinamentos religiosos e clássicos e, ao mesmo tempo, ser exemplos de conduta e firmeza a fim de poder cobrar um comportamento desejável dos seus alunos. Visualiza-se, assim, que havia uma necessidade do controle corporal das crianças na vida escolar. A forma de sentar, não olhar para trás, era necessário controlar os mínimos detalhes. Os castigos eram aplicados também quando as crianças não aprendiam. Era um método considerado eficaz para garantir o aprendizado. (WEIDUSCHADT, 2007, p. 177-178).

Acrescenta-se que “o professor não era só aquele que detinha o poder e o saber, mas era o próprio exemplo a ser seguido com relação aos ensinamentos bíblicos, respeitado como o que detinha a autoridade delegada pelo próprio Deus” (LEMKE, 2001, p 79). O pastor e professor não era somente um guia espiritual, mas deveria servir de exemplo na sua profissão. A rigidez e a cobrança da moral com os filhos dos professores e pastores por parte desses educadores e religiosos era maior do que com os demais alunos (WEIDUSCHADT, 2007). No Quadro 4, apresentam-se algumas características de professores paroquiais luteranos do interior do RS:

Quadro 4 - Características de professores paroquiais luteranos do interior do RS.

Escola paroquial de Linha Brasil, Nova Petrópolis: O pastor Paulo Evers foi instalado como pastor em Linha Brasil no dia 1º de janeiro de 1922. Na época, tinha 24 anos e recém se formara no Seminário Concórdia. Um mês após sua instalação, inicia o trabalho como professor, que haveria de durar exatos 50 anos, pois se aposenta em 1972, vindo a falecer, aos 80 anos, em 1978. O pastor Evers estava decidido a lutar por um mundo melhor que só se alcançaria com uma autêntica vida cristã e pela educação. Para ele, fé era ação, vivência e educação era a base para tudo. Em 1922 o pastor Evers iniciou o trabalho com 32 alunos. Como o número de alunos crescia, ele foi obrigado a lecionar em dois turnos, o que o impedia de reorganizar as comunidades luteranas da região, conforme fora previsto. A partir de 1927, sua esposa começou a ajudá-lo, atendendo a 1ª e 2ª séries na escolinha, em torno de 30 a 40 alunos, enquanto o pastor atendia a 3ª, 4ª e 5ª séries em outro prédio da localidade, com mais de 40 alunos. Nenhum dos dois tinha formação didática, como era costume na época. O pastor Evers fazia ditado com seus alunos no final da semana, corrigia-os no domingo e na segunda-feira usava a vara com os alunos que tivessem cometido mais de 10 erros no ditado. Em 1942, a filha Mausí assumiu a 2ª série usando uma sala da nova moradia de professor. Com a matrícula girando sempre em torno de 110 alunos, o atendimento era feito em três prédios diferentes e em três locais diferentes. No ano de 1955 tudo começa a mudar, em função do Ginásio.

Escola paroquial de Linha Brasil, Nova Petrópolis: A esposa do pastor Evers, Elisabeth Kunstmann Evers, conhecida por todos como *Parrasch* (esposa do pastor), tinha uma postura mais afetiva em sala de aula e assim, alfabetizou duas gerações de crianças, perto de mil ao todo. Ela sabia lidar com os pequenos extremamente tímidos que chegavam à escola sem saber dar “bom dia” em português. Vibrava com cada aluno que se alfabetizava e sempre elogiava a sua grande capacidade de aprender. Até 1938 a alfabetização era feita em alemão, com cartilha apresentando letras góticas cursivas e de imprensa, minúsculas e maiúsculas. Quem dominava isto passava para as letras latinas, cursivas e de imprensa, minúsculas e maiúsculas. Cada letra com oito variações. E no fim do ano a maioria dos alunos estava alfabetizada nas duas línguas. A repetência acontecia, mas era uma exceção. Os alunos tinham que aprender o português. Usava um método que consistia em apontar com uma vara comprida para os objetos, pronunciar lentamente os nomes e fazer todos repetir em coro: porta, a porta, janela, a janela, etc.. Depois formava frases, mostrando com gestos: eu abro a porta, o livro, a janela, etc.. Ela nunca usava a vara para castigar um aluno, método recomendado e muito usado na época. Era paciente e carinhosa com todos. No começo da aula sempre contava uma história bíblica. Tanto o pastor Evers quanto sua esposa, além dos hinos pátrios, ensinavam muitos cantos em português e em alemão aos seus alunos.

Fonte: Gans, 1998, p. 15-17.

Portanto, a figura do professor paroquial era vista como aquele que iria ser competente e sério nos ensinamentos, bem como um espelho de conduta para a comunidade. Parece central a figura do professor em relação a comunidades inseridas no Sínodo, mais ainda, porque era dada relevância à formação acadêmica e religiosa deste formador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O papel do professor paroquial era formar a personalidade das crianças da comunidade. Por isso, a educação estava centrada na disciplina, como uma extensão da educação familiar. O professor também deveria ser um agente de ligação entre a Igreja e as comunidades escolares, com atuação ativa no campo social, político, religioso e cultural. Considerado um guardião da ordem e dos valores da comunidade, o professor paroquial, além do ensino da palavra de Deus, era responsável pela alfabetização dos seus alunos para que dominassem os elementos básicos da escrita, da leitura e da aritmética. Enfim, sua prática pedagógica deveria considerar a realidade dos alunos para que no futuro tivessem um engajamento ativo nas estruturas comunitárias e realizassem a administração de seu orçamento familiar e o gerenciamento de sua propriedade rural.

Foi com base nesse princípio que, para o Sínodo de Missouri, as formações acadêmicas e religiosas de seus professores paroquiais deveriam ser de relevância, o que se traduziu na fundação de um instituto para formação de professores e pastores em 1903, em Bom Jesus II, interior de São Lourenço do Sul. As atividades pedagógicas e teológicas prosseguiram em Porto Alegre, a partir de 1907, passando o Instituto a se denominar Seminário Concórdia, formando professores e pastores com base na doutrina luterana. Destaca-se que na formação dos professores paroquiais, no Seminário Concórdia, prevaleciam os conhecimentos doutrinários sobre os conhecimentos seculares, embora estes também tivessem sua importância no currículo, acrescidos de uma formação pedagógica.

A escola paroquial luterana funcionou enquanto sua manutenção foi possível. A partir dos decretos de nacionalização do ensino, as escolas paroquiais começaram a sentir reflexos, sendo o principal, a migração dos alunos às escolas públicas para aprenderem de forma mais efetiva a língua portuguesa. Tal fato provocou a diminuição da arrecadação das taxas escolares, obrigando a municipalização dessas escolas ou até mesmo o seu fechamento. Dessa forma, desarticulou-se um processo escolar que primava pelo arranjo entre escola/igreja e realidade de vida dos alunos e da comunidade. Mesmo assim, houve escolas paroquiais luteranas que conseguiram prosperar e se tornaram referência de ensino no RS.

Este recorte de pesquisa possibilitou um adentramento na cultura escolar, num lugar e num tempo determinados, abordando o contexto histórico das escolas paroquiais luteranas do século passado e a formação dos professores paroquiais, contribuindo para a escrita da História da Educação no estado gaúcho.

REFERÊNCIAS

BUSS, Paulo. Lutero no contexto do luteranismo brasileiro. In: HEIMANN, Leopoldo (org.). **Lutero, o educador**: Fórum ULBRA de Teologia - Volume 2. Canoas: Ed. ULBRA, 2005, p. 39-80.

BUSS, Paulo. **Um grão de mostarda**: a história da Igreja Evangélica Luterana do Brasil. Porto Alegre: Concórdia, 2006. v. 2.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

CHERVEL, André. História das disciplinas escolares - reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**, Porto Alegre, RS, n. 2, p. 177-229, 1990.

- GANS, Ilse Evers. **100 anos de escola comunitária 1898-1998**: Escola Bom Pastor - Nova Petrópolis. Nova Petrópolis: Editora Amstad, 1998.
- GOERL, Otto Adolpho. Lembra-te dos dias da antiguidade: uma história do Seminário. **Revista Igreja Luterana**, Porto Alegre, RS, v. 52, n. 2, nov. 1993.
- GOERL, Otto Adolpho. **Série Concórdia**: Primeira Aritmética. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, [194-a].
- GOERL, Otto Adolpho. **Série Concórdia**: Segunda Aritmética. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, [194-b].
- JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, SP, n. 1, p. 9-43, jan./jun. 2001.
- KUHN, Malcus Cassiano; BAYER, Arno. **A matemática nas escolas paroquiais luteranas gaúchas do século XX**. Canoas: Ed. ULBRA, 2017a.
- KUHN, Malcus Cassiano; BAYER, Arno. **O contexto histórico das escolas paroquiais luteranas gaúchas do século XX**. Canoas: Ed. ULBRA, 2017b.
- KUHN, Malcus Cassiano. **O ensino da matemática nas escolas evangélicas luteranas do Rio Grande do Sul durante a primeira metade do século XX**. 2015. Tese (Doutorado em Ensino de Ciências e Matemática) - Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática, Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2015.
- KUNSTMANN, Professor J. Seminário Concórdia. **Revista Mensageiro Cristão**, Porto Alegre, RS, ano 1, n. 1, dez. 1917.
- LEMKE, Marli Dockhorn. **Os princípios da educação cristã luterana e a gestão de escolas confessionárias no contexto das ideias pedagógicas no sul do Brasil (1824 - 1997)**. Canoas: Ed. ULBRA, 2001.
- PROST, Antoine. **Doze lições sobre a História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- REHFELDT, Mário L. **Um grão de mostarda**: a história da Igreja Evangélica Luterana do Brasil. Porto Alegre: Concórdia, 2003. v. 1.
- ROCHE, Jean. **A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora Globo, 1969. v. 1 e v. 2.
- SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e identidade étnica**: a ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.
- STEYER, Walter O. **Os Imigrantes Alemães no Rio Grande do Sul e o Luteranismo**: a fundação da Igreja Evangélica Luterana do Brasil e o confronto com o Sínodo Rio-Grandense 1900 - 1904. Porto Alegre: Singulart, 1999.
- STRELOW, Prof. Frederico. **Série Ordem e Progresso**: Primeira Aritmética. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, [193-].

WARTH, Carlos Henrique. **Crônicas da Igreja: Fatos Históricos da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (1900 a 1974)**. Porto Alegre: Concórdia, 1979.

WEIDUSCHADT, Patrícia. **A revista “O Pequeno Luterano” e a formação educativa religiosa luterana no contexto pomerano em Pelotas - RS (1931-1966)**. 2012. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Vale dos Sinos, São Leopoldo, 2012.

WEIDUSCHADT, Patrícia. **O Sínodo de Missouri e a educação pomerana em Pelotas e São Lourenço do Sul nas primeiras décadas do século XX: identidade e cultura escolar**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2007.

RECEBIDO EM: 29 abr. 2019

CONCLUÍDO EM: 17 set. 2019